

Professor: **Jayse Antonio da Silva Ferreira**

Escola de Referência em Ensino Médio Frei Orlando – Itambé/PE

TÍTULO

Vamos enCURTAr essa história?

Resumo

Afinal, por que Harry Potter, Percy Jackson ou Minecraft ainda não fazem parte do debate literário na escola, na mesma escala de importância que ocupam o imaginário dos jovens fora dela?

Ciente de que não é responsabilidade única do profissional de Língua Portuguesa formar leitores e escritores proficientes e, escutando as angústias de todos os outros professores a respeito da dificuldade e desinteresse dos alunos na leitura e escrita (comprovada também pelas notas baixas na redação do Enem), e, constatando que isso refletia diretamente em minhas aulas de história da arte, tive a ideia de aplicar um questionário com dez perguntas que versavam sobre: O que torna uma aula "enfadonha"? O que uma aula tem que ter para se tornar interessante? Que sugestões você daria para dinamizar as aulas? Ao analisar os resultados, pude verificar que a escola e/ou os conteúdos não estavam dialogando com a realidade por eles vivida. O mundo virtual, as novas tecnologias, as redes sociais os *softwares* e aplicativo *mobile* não estavam sendo utilizados em toda sua potencialidade; eles disseram que os professores, em sua maioria, aplicavam as tecnologias para solicitar pesquisas na internet ou para projetar o conteúdo na parede da sala de aula. Assim, teve início uma jornada de buscas a *sites*, livros e revistas que me dessem um norte de como trazer esse mesmo interesse para as minhas aulas de Arte.

Sabendo que eles adoravam esse mundo *geek* (fãs de tecnologia, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, HQs, livros, filmes, animes e séries), resolvi criar o projeto *Vamos enCURTAr essa história?*, que estimulava os alunos a escreverem e produzirem histórias que virariam curtas-metragens baseados em assuntos de seu interesse. Essa proposta vinculava-se ao conteúdo que estava sendo ministrado naquele bimestre: cinema. Os vídeos produzidos seriam postados nas redes sociais para serem apreciados e curtidos por toda a comunidade escolar. Não se tratava apenas de fazer "filminhos" produzidos pelos alunos nas aulas de artes, a proposta era bem mais ampla, envolvia artes gráficas, cinema, vídeo, fotografia, edição e novas tecnologias, resultando num ensino mais colaborativo, interativo e prazeroso e que estivesse antenado com os anseios desses jovens aprendizes.

O projeto objetivou o desenvolvimento cognitivo/criativo dos alunos não só na minha disciplina, pois o conhecimento em arte amplia as possibilidades de compreensão do mundo e colabora para um melhor entendimento dos conteúdos relacionados a outras áreas do conhecimento. Em contrapartida, os professores de Língua Portuguesa, Inglês, Literatura, História, Geografia, Filosofia e Educação Física ficaram encarregados de acompanhar algumas atividades que subsidiaram o projeto, transformando-o assim numa atividade transdisciplinar. Tudo isso culminou numa grande noite de exibição de cinema a céu aberto na praça da cidade onde os

moradores puderam apreciar as produções de seus filhos, que deram uma aula sobre cinema, vídeo, fotografia, edição e novas tecnologias. Como desdobramento, já está em curso uma exposição fotográfica de alunos que são sócias dos astros do cinema, valorizando ainda mais a Sétima Arte; o lançamento do livro com mais de 20 contos incluindo as histórias que geraram os curtas-metragens; a finalização do jogo *mobile* para ser baixado no celular inspirado em um dos curtas, além de uma proposta mais ousada: gravar nosso primeiro longa-metragem.

Planejamento

A primeira meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, homens que sejam criadores, inventores, descobridores. (Jean Piaget)

A partir do resultado obtido com o questionário aplicado com 90 alunos das turmas de 2^{os} anos, no qual tentava entender os motivos do desinteresse dos alunos nas aulas de Arte, pude verificar que a escola e/ou os conteúdos não estavam dialogando com a realidade por eles vivida. De acordo com a amostragem, 85% dos estudantes afirmaram que o que faltava para as aulas se tornarem mais atrativas e eles tivessem o interesse de participar ativamente era a introdução de atividades que dialogassem com o mundo virtual, com as novas tecnologias, com *softwares* e aplicativo *mobile* tão presentes em suas vidas.

Como nas turmas do 2^o ano o conteúdo do bimestre era cinema, comecei uma jornada de buscas a *sites*, livros e revistas que me dessem um norte de como trazer esse mesmo interesse para o conteúdo estudado. Senti na pele esse desinteresse quando os conteúdos eram mais teóricos, por exemplo a Arte Egípcia, e o oposto acontecia quando eu trazia algum filme que retratasse o assunto estudado. Assim, ficou claro para mim o grande poder que a Sétima Arte exercia sobre os alunos. Em parte, isso também se explicava pelo fato de que em nossa cidade não possui nenhum cinema e para que eles tenham acesso a uma sala de exibição é necessário viajar para a capital pernambucana Recife, que fica a uns 90 Km, ou para João Pessoa, na Paraíba, um pouco mais perto, a 60 Km. Com a lei que exigia a exibição de filmes nacionais, suscitou-me o questionamento: como buscar um filme que esteja próximo à cultura audiovisual dos alunos e, ao mesmo tempo, respondesse também aos objetivos pedagógicos? Não se tratava somente de escolher propostas para "agradar" aos alunos ou, ao contrário, escolher filmes com "estética ousada", de difícil compreensão. Como o tema cinema era muito extenso, os recortes trabalhados foram: a origem do cinema (Irmãos Lumière); curta-metragem; roteiro; personagens; fotografia; filmagem, maquiagem, edição. O cinema entra na escola para se articular aos processos de produção de conhecimento e deixá-lo o mais próximo possível da realidade dos alunos. Desde o início, a minha expectativa era que eles não só assistissem a filmes, mas tivessem um contato real com a produção cinematográfica. Deste modo, os curtas-metragens revelaram-se uma opção excelente, pois eram de menor duração, o que teoricamente pareciam mais fáceis de serem produzidos. Tendo em vista a Lei nº 13.006/04 sobre a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais, que modificou artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9394/96), pautei-me nos PCNs de Artes para Ensino Médio que dizia: conhecer arte no Ensino Médio significa permitir aos alunos apropriarem-se de saberes culturais e estéticos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desenvolvimento social do cidadão, favorecendo-lhes o interesse por novas possibilidades de aprendizado, de ações, de trabalhos com arte ao longo da vida. Também, embasei-me no que dizia os Parâmetros Curriculares de Pernambuco do Ensino Médio

"contemporaneamente não podemos ignorar outras formas híbridas de Artes tais como *WebArte* e *multimídia*". Todo o projeto foi embasado nos três eixos norteadores da proposta Triangular de Ana Mae Barbosa: produzir, apreciar e contextualizar, assim, os alunos tiveram a oportunidade de assistir a um diversificado conteúdo cinematográfico; criar seus próprios roteiros, desenvolvendo a criatividade; filmar suas próprias ideias, bem como editá-las com efeitos sonoros e visuais, criação do cartaz do filme e o *trailer*.

Todo o processo pedagógico levava em conta os saberes inerentes de cada aluno e suas experiências, como sinaliza a Proposta Triangular. Para isso, compartilhei vídeoaulas mostrando como se faz um curta metragem, além de *sites* que mostravam os bastidores das gravações e quantas pessoas são envolvidas numa produção como esta. Isso foi crucial para que eles percebessem que havia outros trabalhos tão importantes quanto o dos atores. Daí, despertei facilmente o interesse dos alunos para figuração, maquiagem, iluminação, etc. Também utilizei o livro didático *Arte em Interação* da editora IBEP, adotado por nossa escola. Como não dispúnhamos de recursos para comprar equipamentos profissionais de filmagem, utilizamos o que estava ao nosso alcance: celulares, lanternas, holofotes, uma câmera fotográfica e uma câmera Panasonic de filmagem que pertence a um aluno.

Como professor de Artes Visuais, preocupo-me muito em trabalhar projetos que visem ao desenvolvimento cognitivo/criativo dos alunos não só na minha disciplina, pois o conhecimento em arte amplia as possibilidades de compreensão do mundo e colabora para um melhor entendimento dos conteúdos relacionados a outras áreas do conhecimento. Em contrapartida, também contei com a colaboração dos professores dos diversos componentes curriculares, neste caso, Língua Portuguesa (com a criação de roteiros para os curtas-metragens); Inglês (na tradução de alguns títulos e expressões do cinema americano – *script*, *storyboard*, etc); Literatura (leitura de livros de diversas categorias, em especial sagas juvenis como Harry Potter e Percy Jackson); História (surgimento do cinema e seus ícones: Chaplin); Geografia (Hollywood, em Los Angeles X Bollywood, na Índia); Educação Física, que posteriormente ajudou muito com uma pesquisa a respeito de acidentes de trânsito com adolescentes (tema abordado em nosso último curta); e a equipe gestora, que deu total apoio ao projeto, trazendo especialistas da Secretaria de Educação para dar uma capacitação sobre o tema para os alunos envolvidos no projeto. Também contei com a ajuda de ex-alunos que criaram o cartaz do filme, bem como um joguinho para celular baseado no curta Entre dois lados. Sem essas parcerias seria impossível a realização desse projeto tão exitoso!

Diagnóstico

A Escola de Referência em Ensino Médio Frei Orlando tem cerca de 400 alunos com idades de 13 a 18 anos, oriundos de famílias de classe média baixa. Seus pais, na grande maioria, são trabalhadores do corte de cana e empregados do comércio local. Ela está localizada num bairro periférico do município de Itambé – Zona da Mata Pernambucana –, recebe jovens residentes no mesmo município de sua localização como também de cidades próximas e do estado vizinho, Paraíba.

O motivo da procura está no ensino integral com 45 aulas semanais, nos diversos projetos vivenciados ao longo do ano, na equipe pedagógica comprometida e no envolvimento dos educandos nas diferentes atividades que acontecem dentro e fora de sala de aula.

A instituição possui 10 turmas (quatro 1^{os} anos, três 2^{os} e três 3^{os}), das quais participaram inicialmente apenas os alunos dos 2^{os} anos, pois o assunto do bimestre era cinema. Como a escola não dispunha de recursos tecnológicos que desse o amparo necessário para a realização da prática pedagógica, logo percebi que teria que recorrer à comunidade em torno da escola para comigo abraçarem essa ideia. Uma coisa que diagnostiquei logo de cara foi a admiração que os educandos têm pela televisão. Para eles, uma pessoa de sucesso é alguém que aparece na TV, seja jornal, programas, cinema, etc, isso só reforçou a minha estratégia: atrelar os conteúdos pedagógicos a ferramentas tecnológicas para atrair a atenção deles. Também tomei como base alguns conceitos da *Web 2.0*, que tem como objetivo fornecer aos navegantes mais criatividade, compartilhamento de informação e, mais que tudo, colaboração entre eles. Assim, lancei mão de tudo que tinha ao meu redor. Quando o primeiro curta, Harry Potter – O recomeço, ficou pronto, tratei logo de enviar o *link* do vídeo para a assessoria de imprensa do estado de Pernambuco. Eles vieram até nossa escola fazer uma matéria com os alunos para colocar no *site* da Secretaria. Quando eles se viram estampando uma matéria nas redes sociais foi um sucesso! Os pais ligavam para a escola encantados de verem seus filhos no "computador". Daí soube que estava no rumo certo! Para confirmar o diagnóstico que eu tinha feito previamente, lancei as seguintes perguntas em todas as turmas: Para você, o que torna alguém famoso? Você acha que as pessoas famosas são mais felizes que as demais? O que você seria capaz de fazer para se tornar alguém famoso? Todas essas indagações foram feitas nas minhas aulas de Filosofia que também leciono na escola. Foi muito interessante notar o poder que as mídias exercem sobre nossos alunos. Alguns chegaram a responder que largariam os estudos se tivessem que optar entre a fama e a escola! Isso me deixou muito inquieto, pois, para alguns, o conhecimento era algo secundário ou descartável. Logo, pensei numa maneira de intervir para amenizar essa situação.

Como o conteúdo estudado era cinema, pedi que eles pesquisassem algumas personalidades que se destacaram desde o seu surgimento até agora nos dias atuais. Perguntei a eles: O que essas pessoas tinham em comum? e prontamente eles disseram: eram muito famosas. Continuei meu questionamento: Vocês já se imaginaram como seriam suas vidas se fossem um ator ou atriz? Gravar um filme para todo mundo assistir? Essas indagações me deram subsídios para reformular minhas estratégias didáticas de como abordar de forma mais proveitosa esse assunto.

Desenvolvimento

As etapas do projeto foram assim vivenciadas: 1- Aplicação de questionário para diagnosticar as causas do desinteresse pelas aulas; 2- Apuração e análises dos dados; 3- Levar os alunos até o cinema mais próximo (pois não temos cinema em nossa cidade); 4- Realizar levantamento com as turmas sobre os livros, filmes ou assuntos que mais gostavam; 5- Instigá-los a elaborar outros finais para suas sagas favoritas; 6- Ler e discutir em sala a melhor forma de adaptar esses roteiros para curta-metragem; 7- Criar roteiros originais tendo nossa escola como base; 8 - Pesquisas sobre como fazer um curta; 9 - Escolha dos atores, cenários e figurinos; 10 - Filmagens, edição e lançamento do curta; 11 - Exibição dos curtas em praça pública para toda a comunidade. O projeto iniciou-se em abril de 2016 e estendeu-se até sua culminância no dia 10 de agosto de 2017.

Ao constatar o desinteresse dos alunos nas aulas de arte, tive a ideia de aplicar um questionário (PDF Entrevista com alunos) com algumas perguntas que me pudessem esclarecer o porquê dessa apatia. Ao analisar os resultados nas turmas de 2^o anos (série da pesquisa), chegou-se ao

alarmante número de 82% de alunos que achavam que os conteúdos escolares não estavam em sintonia com a sua realidade. Eles sentiam falta do mundo virtual com suas novas tecnologias, das redes sociais com seus aplicativos de possibilidades infinitas... parecia-lhes que a escola estava na contramão a tudo isso! Como o assunto do bimestre era cinema, comecei uma jornada de buscas a *sites*, livros e revistas que me ajudassem a deixá-los mais empolgados com o conteúdo. Assim nasce o projeto *Vamos enCURTAr essa história?*, que estimulava os alunos a escreverem e produzirem histórias que virariam curtas-metragens.

Toda a parte teórica sobre o assunto foi realizada dentro da própria sala de aula. Porém, com o decorrer do projeto, sentimos a necessidade de explorar outros ambientes. Não dava pra falar de cinema sem conhecer uma sala de exibição. Como não temos cinema em nossa cidade, firmamos uma parceria com o cinema de um *shopping* da capital paraibana (anexo 1). Essa parceria foi fundamental, pois pagávamos meia entrada e a maioria dos alunos não poderiam pagar o preço normal de um ingresso. Quando saímos do cinema, ainda no ônibus, os alunos já vinham discutindo sobre as histórias que queriam criar. Eles estavam ávidos para escrever seus roteiros e não viam a hora de ver suas criações se transformando em filmes. Isso foi muito bom, só me deu um pouco de trabalho para controlar toda essa energia criativa em sala de aula.

Para ter um maior controle sobre a produção dos roteiros que os alunos estavam produzindo, pedi para que cada representante de turma me trouxesse uma amostra das histórias feitas por suas respectivas turmas (anexo 2). Como a grande maioria delas estavam inspiradas em clássicos da literatura juvenil que eles adoravam, como Percy Jackson e Harry Potter, pedi que escrevessem novos finais para essas sagas. Para minha surpresa, surgiram história muito bem fundamentadas, cheias de ação e aventura, dignas de serem filmadas! Em consenso, decidimos que a história intitulada Harry Potter – O recomeço (anexo 3), criada pelo aluno Agildo, do 2º ano, seria a primeira a virar curta metragem. Para a escolha dos atores, os alunos acharam mais justo que o escritor fizesse esta indicação, pois ele conhecia melhor as características que cada personagem deveria ter. Foram escolhidos alunos de todas as séries do ensino médio, o que eu particularmente achei muito bom, pois promoveu ainda mais a interação entre os estudantes garantido a efetiva participação e o interesse ao longo de todo o processo. A próxima etapa foi a escolha do figurino. Neste momento, surgiu nosso primeiro obstáculo a ser enfrentado: Como conseguir roupas que se assemelhassem ao figurino de Harry Potter? Eu não poderia pedir aos alunos que confeccionassem essas roupas, pois sabia que suas condições financeiras eram escassas, já que a maioria deles são filhos de trabalhadores rurais que, portanto, não teriam como arcar com esses custos. A solução que encontrei foi firmar parceria com as lojas de roupas da cidade (anexo 4). O combinado era o seguinte: as lojas emprestariam as roupas para a filmagem e em contrapartida eu divulgaria o nome do estabelecimento. De imediato elas toparam e, com essa estratégia, conseguimos todo o figurino e adereços que ajudaram a contar a nossa versão de Harry Potter (anexo 5).

Para essa gravação, utilizamos a área externa das salas de aula. Tudo foi aproveitado como cenário: corredores, pátio, laterais das salas e áreas abertas (anexo 6). A filmagem, juntamente com a edição, foi feita inteiramente pelos alunos que tinham mais habilidade com essas ferramentas. É impressionante percebermos o potencial do nosso alunado quando damos oportunidade para pô-lo em prática. Isso me fez lembrar o que diz o PCN de Arte para o Ensino Médio: A disciplina Arte deve colaborar no desenvolvimento de projetos educacionais interligados de modo significativo, articulando-se a conhecimentos culturais em Informática

(Cibercultura), Língua Portuguesa e Inglesa (Cultura Verbal, trabalhando inclusive as artes literárias).

Todo esse processo levou em torno de um mês, mas para os alunos parecia uma eternidade! No dia 28 de abril de 2016, o curta já estava disponível no Youtube para todos assistirem e darem os seus *likes*. Em menos de uma semana o curta teve mais de 20 mil visualizações e foi postado na página oficial Harry Potter no Brasil (anexo 7). Os alunos ficaram empolgados com tamanha repercussão nas redes sociais. Porém, logo tiveram que lidar com a outra face do sucesso que eles tanto buscavam: as críticas preconceituosas. Foi um "balde de água fria" lerem comentários maldosos a respeito do nosso sotaque e da nossa região (anexo 8). E agora? Como lidar com isso? Como reverter essa situação? A metodologia que utilizei para tratar desse tema tão delicado – preconceito – foi discuti-lo abertamente em minhas aulas de Filosofia, que também ministro na escola. No começo, os alunos quiseram responder as postagens com palavras agressivas, porém consegui convencê-los de que não se combate o mal com o mal; o que faltava àquelas pessoas era justamente a educação. O preconceito se forma por causa da intolerância, sendo assim, não poderíamos agir da mesma forma que eles! Isso rendeu ótimos debates que se estenderam para assuntos correlatos como *bullying* e xenofobia. Nesse meio tempo, a Secretaria de Educação do estado ficou sabendo da grande repercussão que o curta havia suscitado nas redes sociais e resolveu mandar sua equipe de reportagem até nossa escola para conversar com os alunos e fazer uma matéria com eles (anexo 9). Esse era o levante que faltava para reanimar e manter os alunos focados no projeto. A matéria ficou linda e estampava a página principal do site oficial da Secretaria de Educação (anexo 10). Os alunos logo trataram de compartilhar o *link* com todos os seus contatos das redes sociais. Foi muito emocionante ver a alegria em seus olhos. Nunca vou esquecer de uma ligação que a escola recebeu de um pai de um aluno dizendo: meu filho tá "aparecendo no computador!". Com os ânimos renovados, fizemos uma análise de tudo que tínhamos planejado e executado. Essa parada foi fundamental para percebermos que aqueles comentários maldosos vinham de uma pequena minoria e que grande parte das mensagens eram elogios que parabenizavam pelo belíssimo trabalho.

Partimos para um novo desafio: filmar o segundo roteiro mais votado pelos alunos: Minecraft! Nessa nova empreitada cinematográfica, cabia-nos dar vida aos personagens desse joguinho eletrônico que é sucesso entre a garotada do mundo todo. O curta foi intitulado Minecraft Apocalipse (anexo 11). Nesse filme, dois alunos interpretam sobreviventes de um apocalipse zumbi que tentam escapar de um colégio abandonado, infestado de zumbis, para chegarem até a cidade do Recife. O enredo reforça o que o MEC preconiza no Ensino Médio: A valorização da identidade, cidadania e a promoção das culturas locais. Mais uma vez, o vídeo foi um sucesso de curtidas. As pessoas gostaram tanto que recebemos diversas mensagens perguntando como foi feito. Elas se encantavam com a quantidade de efeitos especiais e algumas duvidavam se teria sido feito mesmo em uma escola pública. Em resposta, lançamos o *making off* (anexo 12) em que aparecia o figurino todo feito de papelão pelos próprios alunos e amarrado por mim com fita adesiva (anexo 13); a técnica do *Chroma key* feito de malha que conseguimos emprestado numa festa de 15 anos (anexo 14); as armas feitas de sucata e cabos de vassoura, entre outras ideias simples, mas funcionais. Como tive um retorno muito positivo dos internautas em relação à produção áudio visual dos meus alunos e, cada vez mais os sentia preparados e confiantes, pude perceber que eles estavam prontos para alçar voos mais altos! Sugeri que agora eles escrevessem contos mais autorais, que não fosse baseado em filmes ou jogos, mas sim em sua realidade e nos seus anseios, e principalmente nos males que afligem os jovens de sua idade. Esse tipo de

reflexão se fazia necessária para que eles passassem do nível de meros reprodutores de técnicas cinematográficas para autores de sua própria história, como prega a filosofia do Protagonismo Juvenil baseado nos quatro pilares da educação de Jacques Delors. Até então, eu não tinha muita certeza no que isso iria dar. Lancei esse desafio para toda a escola e rapidamente tínhamos mais de 30 contos que, em sua grande maioria, era do gênero suspense, o que não me surpreendeu, pois todos os moradores da cidade falam que nossa escola era um antigo cemitério indígena. Claro que isso não passa de uma lenda urbana, porém ajudou bastante a soltar o imaginário dos alunos.

O passo seguinte foi escolher, entre tantos contos, o mais interessante para que este se tornasse o roteiro do nosso próximo curta. Convidei para essa seletiva um ex-aluno de nossa escola, que hoje é um escritor premiado no estado de Pernambuco, Wandeyr, que ganhou em 2015 o prêmio de melhor romancista do estado. Ele prontamente aceitou meu pedido para ler todos os contos dos alunos e escolher aquele que tinha um enredo atrativo e fácil de ser filmado, além disso, ele presenteou os alunos com exemplares de seus livros e se dispôs a dar uma oficina de criação de roteiro para ajudar na elaboração das falas dos personagens de todos os contos inscritos no projeto (anexo 15). Para fazer o anúncio do conto vencedor, tive a ideia de chamar toda a comunidade escolar (incluindo os pais dos alunos), para que, juntamente com a escola, pudéssemos compartilhar desse momento tão significativo (anexo 16). O conto selecionado foi do nosso estudante Fernando, do 3º Ano A, com sua história intitulada Entre dois lados, um suspense que falava sobre cinco estudantes que provocaram um acidente por dirigirem embriagados e, por conta disso, eventos misteriosos começaram a acontecer com cada um dos envolvidos (ler PDF anexo: Entre dois lados).

Como já havíamos adquirido uma certa bagagem de experiência com os dois curtas anteriores, pudemos ver com mais clareza onde tínhamos falhado e aplicar neste próximo as melhorias que desejávamos. Essa reflexão sobre a prática foi fundamental para o sucesso e a continuidade do projeto. Dessa vez, a escolha dos atores não seria por indicação do autor, mas sim através de teste para elenco. Mais de 30 alunos fizeram os testes (anexo 17). Depois que todos se apresentaram, levei essas gravações para uma dupla de atores de nossa cidade para que eles dessem suas opiniões a respeito daquelas interpretações. Essa foi a maneira mais sensata que encontrei para fazer a escolha do elenco, pois se fosse eu ou outro professor da escola que o fizéssemos, iria parecer que tínhamos preferência pelo aluno A ou B. Após dois longos dias de espera, é chegada a hora do anúncio da lista dos alunos escolhidos. Mais uma vez, eu fiz questão que toda a escola prestigiasse esse momento. Como os avaliadores não puderam comparecer na escola, fizemos um *live* (transmissão ao vivo) e eles anunciaram os nomes dos alunos selecionados (anexo 18). A cada nome chamado era interessante observar as expressões de espanto dos alunos escolhidos. Parecia que eles não estavam acreditando no que estava acontecendo. Foi bastante emocionante este momento.

Como o projeto começou a ganhar repercussão nas redes sociais, pois cada aluno selecionado fez questão de compartilhar, tivemos a grata satisfação de recebermos a colaboração de um ex-aluno nosso, Maycon, que se ofereceu para dar uma oficina sobre interpretação, já que ele hoje é aluno do curso de Teatro na UFPB. Segundo Maycon, essa era uma maneira que ele encontrou de agradecer o que a escola fez por ele. É claro que aceitamos de imediato essa valorosa contribuição. Em dois dias, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar uma gama de exercícios corporais (anexo 19) que, sem dúvidas, ajudou na hora das gravações.

Nossa escola tem por premissa trabalhar de forma contundente a questão da inclusão e essa temática, para minha alegria, ficou muito evidente no roteiro escrito pelo nosso aluno Fernando. Este ano, pela primeira vez, nossa escola recebeu um aluno com deficiência auditiva severa. Todos nós tivemos que nos adaptar para acolhê-lo da melhor forma possível. Eu me encantei com Ricardo logo de cara! Sempre muito assíduo e participante de todos os eventos da escola. Conversando com sua intérprete, a professora Neide, pedi que ela perguntasse se ele teria interesse em participar do curta. A primeira reação dele foi de espanto seguido de alegria. Expliquei que sua participação seria fazendo a tradução em libras de uma notícia veiculada no telejornal, cena inicial do curta metragem. Ele adorou a ideia! A intérprete me explicou que daria um certo trabalho, pois quem faz as traduções são pessoas normais (ouvintes) e não os surdos. Daí surgiu mais um desafio que nós tínhamos que enfrentar. Analisamos, pensamos e chegamos a seguinte solução: a intérprete ia instruindo-o sobre quais sinais ele deveria gesticular, enquanto a repórter dava a notícia (anexo 20). Suas cenas foram gravadas frases por frases e depois juntamos tudo na edição. Ficou ótimo! Outro grande mérito desse curta foi poder incluir uma aluna que se sentia estigmatizada por possuir uma doença genética que a faz perder a coloração da pele, o vitiligo. Quando eu disse a ela que haveria uma vaga no filme para interpretar uma repórter e que achava que ela se enquadrava muito bem nesse perfil, ela me olhou com cara de surpresa e disse que iria pensar. Eu sinceramente achei que ela não iria aceitar, pois já tinha se passado dois dias e ela não tinha me dado nenhuma resposta. No terceiro dia, ela me procurou na hora do intervalo dizendo que toparia. Agora quem estava muito surpreso era eu! Ela falou que seria um desafio, mas que estava disposta a tentar.

No dia seguinte, tratei logo de passar para ela seu texto (anexo 21). Na hora da gravação, ela estava muito à vontade, nem parecia aquela garota retraída que eu costumava ver pela escola. Por mais que o texto criado pelo aluno fosse fictício, não deixou de abordar uma prática bem real e infelizmente muito comum entre os jovens de nossa cidade: o consumo precoce de álcool e direção, que tem ceifado a vida de muitos estudantes de nossa comunidade. Esses dados foram confirmados através de uma recente pesquisa que o nosso professor de Educação Física realizou com os alunos. Os números são alarmantes. E por mais que seja um assunto delicado de se falar, eu, enquanto educador, não podia ficar inerte diante dessa triste realidade. Para atender a essa necessidade, alteramos o roteiro original para um que seu desfecho enfatizasse mais essa problemática (bebida e direção). Com o roteiro pronto e atores selecionados, era hora de pensarmos nas locações e materiais que necessitaríamos para realizar o novo curta. Como o conto era de suspense, a maioria das cenas se passavam à noite, o que para nós foi um grande desafio porque não dispúnhamos de equipamentos para filmagens noturnas, só tínhamos as câmeras de nossos celulares e uma filmadora Panasonic do aluno. Para solucionar esse problema, tivemos a ideia de gravar o curta em primeira pessoa usando apenas a lanterna dos celulares. Essa pouca luminosidade trouxe mais suspense para as cenas. Para dar ainda mais ênfase ao gênero suspense, resolvemos gravar à noite no milhoal da escola (anexo 22) que foi plantado para fazer as comidas de milho tão típicas de nossa região. As cenas ficaram ótimas, dignas de competirem com o filme *As Bruxas de Blair* de 1999! Ter gravado algumas cenas no milhoal foi muito bom, pois quebrou o paradigma de que filme nordestino tem que ser feito no canavial.

A cada filmagem, nós íamos enfrentando novos desafios. Acredito que o maior deles foi gravar a cena em que o carro da bibliotecária caía no rio da cidade e ela tentava escapar do veículo totalmente submerso. Quando os alunos me falaram que queriam fazer essa cena, eu fiquei de cabelo em pé! Como faríamos isso sem colocar, obviamente, a vida deles em risco? Onde iríamos

arrumar um carro para fazer essa cena e, como se isso não bastasse, ainda seria à noite e debaixo d'água?! Mais uma vez, lancei mão de muita criatividade e, depois de muito pensar, tive a seguinte ideia: fui a um ferro velho que fica nos arredores da cidade e lá encontrei uma porta de um veículo encostada num canto (anexo 23). Perguntei para o dono se ele poderia emprestá-la para fazermos uma atividade escolar e ele prontamente cedeu. Parte do problema estava solucionado. Agora, restava-me conseguir uma piscina para fazer de conta que era um rio onde esse "carro" (que na verdade era apenas uma porta) estaria submerso. Mais uma vez, recorri às parcerias. Fui até a dona da única academia da cidade que tinha piscina e perguntei se cederia o espaço para uma gravação e ela aceitou. Na noite seguinte, já estávamos todos prontos, porém ainda restava um problema: como gravar debaixo d'água se não tínhamos nenhuma filmadora subaquática? A solução foi enrolar a câmera fotográfica numa bolsa plástica transparente e amarrar com fita adesiva (anexo 24). E não é que deu certo! O próximo passo foi colocar a porta do carro dentro da piscina e, para não aparecer os azulejos, eu e um aluno segurávamos uma lona preta por trás da atriz enquanto outro aluno sustentava a porta na qual ela fingia estar tentando sair (anexo 25). Apesar do frio de 17 graus que fazia naquela noite, posso garantir que foi muito divertido!

As gravações prosseguiram por mais 15 dias em outras locações até estarem concluídas. A edição mais uma vez, ficou por conta do aluno Agildo, enquanto o cartaz do filme (anexo 26) ficou a cargo de um ex-aluno nosso, Ewerli que hoje cursa *design* gráfico. Enquanto aguardávamos a finalização do curta, eu e mais dois alunos tratamos de confeccionar os convites (anexo 27) para chamar todas as escolas da região. Para dar um ar mais tecnológico, os alunos sugeriram colocar no cartaz uma imagem QR Code criada por eles mesmos (anexo 28) que, ao ser fotografada, direcionava para o *link* do *trailer* no Youtube (anexo 29). Eu particularmente, fiquei encantado, pois não conhecia essa tecnologia. Nesse entremeio, dois alunos sugeriram algo mais ousado: criar um jogo para celular baseado no curta que, segundo eles, seria mais uma forma de divulgar, pois todos os adolescentes adoram baixar esses aplicativos (anexo 30). Apesar de ser apenas um protótipo, fez o maior sucesso entre a garotada.

No começo de agosto, o curta estava pronto. A pedido da intérprete do aluno surdo, solicitei a Fernando, escritor do conto, que legendasse todo o filme para que não só Ricardo, mas todos os outros surdos pudessem acompanhar a história. Dessa iniciativa, surgiu uma outra ideia: legendar o filme em mais de um idioma. Como o nosso aluno Fernando tinha feito um intercâmbio no ano anterior para o Canadá, ele queria muito que seus amigos estrangeiros pudessem assistir ao filme de sua autoria. Achei uma excelente ideia e logo passei a proposta para o professor de Inglês, Eliezer, que distribuiu o texto durante suas aulas e trabalhou a tradução. Ele me falou que foi uma experiência excelente, pois utilizar um texto produzido por um de nossos estudantes fez aumentar o interesse dos demais alunos na aula. A professora Rys ficou sabendo desse texto e me perguntou se poderia fazer o mesmo nas aulas de Espanhol. Fiquei muito feliz com toda essa transdisciplinaridade que o projeto havia alcançado até aquele momento. Quando o filme ficou pronto, convidei todos os envolvidos para uma sessão de estreia na escola. Eles adoraram o resultado e não viam a hora de chegar o dia do lançamento em praça pública. Dias antes da estreia, veio-me a ideia de gravar um depoimento real de alguma vítima da mistura do álcool e direção para que servisse de alerta para todos. Fiz uma sondagem na cidade para ver se achava alguém disposto a falar, porém ninguém tinha coragem de se expor. Quando eu já estava quase desistindo, um aluno me disse que conhecia um rapaz chamado Meyckson que toparia. Logo, entrei em contato com ele e expliquei a importância que seu

depoimento teria para os jovens que assistiriam ao filme. Na mesma tarde, ele veio à escola e gravamos seu comovente relato (anexo 31). E eis que é chegado o grande dia! Reuni um grande grupo de alunos para levarmos as cadeiras da escola para transformar a praça da cidade num grande cinema a céu aberto (anexo 32). Em uma tarde, deixamos tudo prontíssimo: cadeiras, telão, som, um lindo tapete vermelho e a pipoca, é claro! Às 19:30h a praça estava lotada (anexo 33). Até a imprensa local estava presente. Pontualmente às 20:00h começamos a exibição dos três curtas. As pessoas pareciam não acreditar que eram trabalhos de escola, e ao final fiz questão que todos envolvidos viessem à frente para receber o melhor presente que um artista pode ter: os aplausos da plateia! Nessa mesma noite, logo após a sessão de fotos e entrevistas para um *blog* local (anexo 34), já fomos convidados por duas escolas particulares para falarmos a respeito do sucesso do projeto, dando um enfoque especial aos perigos que os jovens estão correndo ao misturar álcool e direção (anexo 35). Até o fim do ano, a proposta é que atinjamos todas as escolas públicas e privadas do nosso município e da cidade vizinha, Pedras de Fogo, cumprindo assim o verdadeiro papel da escola que é promover a mudança social que impacte diretamente na vida das pessoas.

Avaliação

Aprendizagem

Avaliar nem sempre é uma tarefa fácil. São muitos elementos a serem observados e nem sempre acertamos nessas análises. Porém reconheço o quanto é imprescindível esta ação, pois ela nos dá um retorno real sobre o andamento de nossa prática pedagógica.

Os filmes também podem e devem ser utilizados para o exame de questões sociais. Esse trabalho deve inclusive levar os professores a discutir os temas a partir da noção de mundo dos alunos, estimulando uma participação mais ativa dos mesmos nos estudos.

A princípio, minha intenção era que as aulas fossem mais dinâmicas e atraentes para os estudantes. Para que isso ocorresse era necessário organizar atividades que levassem os educando a se tornarem mais participativos. Uma das propostas era a produção de curtas metragens.

Não se tratava apenas de fazer "filminhos" produzidos pelos alunos nas aulas de Artes, a proposta era bem mais ampla, envolvia artes gráficas, cinema, vídeo, fotografia, edição e novas tecnologias, culminando assim num ensino mais produtivo e prazeroso e que estivesse antenado com os anseios desses jovens aprendizes.

Tendo em vista a situação-problema que me levou a criar este projeto (a falta de estímulo e participação dos alunos nas aulas mais teóricas) pensei em estratégias que viessem a sanar ou pelo menos diminuir essa problemática. Uma delas foi despertar o interesse dos alunos. Percebi logo de cara que, para alcançar os resultados almejados por mim, era preciso que eu me aproximasse mais do mundo *geek* em que eles estavam mergulhados. Esta autoanálise me fez ver que a primeira pessoa a ser avaliada seria eu. Procurei ler mais sobre a metodologia da Sala de Aula Invertida para embasar melhor minhas avaliações.

Ao questioná-los sobre que tipo de produções áudio visuais eles costumavam assistir, já ficou claro para mim o grande poder que as mídias exerciam sobre eles. Então propus um debate sobre o que era cinema, sua origem e qual a sua função. Esta foi minha primeira avaliação que

considero a mais importante pois, com esse diagnóstico, pude propor atividades que respondiam ao que eles procuravam. "Para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica. No caso, considerarmos que ela deva estar comprometida com uma proposta pedagógica histórico-crítica, uma vez que esta concepção está preocupada com a perspectiva de que o educando deverá apropriar-se criticamente de conhecimentos e habilidades necessárias à sua realização como sujeito crítico dentro desta sociedade que se caracteriza pelo modo capitalista de produção. A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de forma solta isolada. É condição de sua existência e articulação com uma concepção pedagógica progressista". (Luckesi, 2003, Avaliação da aprendizagem na escola, p.82).

Alguns objetivos exigiram um esforço a mais para serem concretizados, a exemplo da visitação ao cinema. Como não há em nossa cidade uma sala de exibição, isso foi uma das razões que distanciaram um pouco do objetivo proposto, porém não me deixei abater por esse empecilho. Como professores, cabe-nos o papel de articular maneiras de fazer o planejamento inicial sair do mundo das ideias para a realidade. Meu objetivo era que eles sentissem a emoção de assistir um filme em um ambiente que fosse diferente da sala de aula. Para isso, eu e os demais professores conseguimos um ônibus da prefeitura para transportar os alunos até um *shopping* da capital paraibana, João Pessoa, onde firmamos uma parceria que nos permitiu assistir a filmes por um valor bem abaixo do habitual. Essa experiência estética foi fundamental para despertar o encantamento dos alunos pela Sétima Arte.

Nas aulas seguintes, já notei uma mudança no comportamento deles. Percebi que os alunos queriam saber mais sobre cinema e então propus uma pesquisa a respeito da sua origem. Ao me entregarem a pesquisa, já constatei um maior aprofundamento no assunto. Senti que o objetivo já era mais palpável, porém ainda tinha alguns alunos que não apresentaram a pesquisa.

Como cinema era um tema muito amplo, resolvi dividi-lo em subtemas como roteiro; personagens; fotografia; filmagem, maquiagem, edição. Organizei a turma em equipe para que pesquisassem a importância de cada um desses elementos para a construção de um filme, assim pude avaliar suas capacidades de trabalhar em grupo.

Apliquei durante todo o projeto a avaliação formativa, pois acredito que esta era uma das formas mais justas num processo a longo prazo. "A avaliação formativa permite ao professor detectar e identificar deficiências na forma de ensinar, orientando-o na reformulação do seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo. Ela deve ser planejada em função dos objetivos, deste modo o docente continuará seu trabalho ou irá direcioná-lo, de modo que a maioria dos alunos alcance. É formativa no sentido em que indica como os alunos vão se modificando em direção aos desejados". (Bloom, Benjamin. Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar, 1971).

Para aumentar o repertório cinematográfico dos alunos, sempre passava filmes de diversos gêneros com a intenção de aproximar os temas apresentados nos filmes da realidade vivida pelos alunos, tornando o assunto em questão ainda mais pulsante e vivo para eles, pois ver um filme é uma atividade de lazer e um prazer estético. Entretanto, o filme selecionado para um trabalho com os alunos deve estar relacionado ao conteúdo e contribuir para o ensino da disciplina, senão é apenas uma atividade a mais, entre as muitas que os alunos já precisam cumprir. Acredito que cabe ao professor utilizar os recursos complementares para que suas aulas sejam elucidativas,

interessantes e para que a atenção e a participação dos educandos sejam contínuas. Uma maneira de avaliá-los neste contexto foi através de relatórios que eles sempre faziam ao término de cada filme que eu passava na sala. O relatório continha uma série de perguntas que iam desde a sinopse do filme até detalhes mais técnicos como duração, roteiro, produção, entre outras perguntas que os levassem a perceber toda a produção que há por trás das câmeras. Sempre fazia esta avaliação depois de cada filme.

Para aproximar ainda mais a produção cinematográfica da vida dos educandos, e, reforçando a lei que aconselha a exibição de filmes brasileiros nas salas de aula, sugeri aos alunos que trouxessem para as aulas algum material que falasse sobre a importância do cinema, poderia ser em qualquer formato, artigos de jornais, revistas, materiais obtidos na internet, todo que reforçasse ainda mais a importância dessa Arte.

No decorrer das aulas em meio aos debates sobre a produção cinematográfica, pude perceber que alguns alunos falavam com muita propriedade sobre como filmar e editar um filme; outros falavam que já havia escrito roteiros e alguns que já haviam atuado nos seminários de história. Naquele momento ficou claro para mim que eu deveria pensar numa maneira de avaliá-los de acordo com suas múltiplas inteligências e que uma avaliação unificada não surtiria o efeito desejado. Essa problemática perdurou um bom tempo até que resolvi dividi-los em pequenos grupos de interesses/habilidades em comum. Isso foi muito proveitoso! Eles sempre estavam trocando ideias e eu os via falando e elaborando algo nos corredores da escola na hora do intervalo. Tudo isso corroborava com PCNs de Artes para Ensino Médio que dizia "conhecer arte no Ensino Médio significa os alunos apropriarem-se de saberes culturais e estéticos nas práticas de produção e apreciação artísticas, fundamentais para a formação e o desenvolvimento social do cidadão, favorecendo-lhes o interesse por novas possibilidades de aprendizado, de ações, de trabalhos com arte ao longo da vida". Tudo isso estava acontecendo através de uma construção colaborativa, o que me deu subsídios para uma análise avaliativa grupal.

Como o projeto teve a pretensão de envolver diversas disciplinas, recorri aos meus amigos professores para me ajudarem nesse processo avaliativo. A professora de Língua Portuguesa, por exemplo, ficou encarregada de dar uma lida nos textos que os alunos iam escrevendo. Ela aproveitava para fazer as correções necessárias e assim avaliá-los; o mesmo aconteceu com o professor de Língua Inglesa e a professora de espanhol. Essa parceria pedagógica era sentida pelos alunos que sabiam que poderiam contar com a ajuda de todos os professores para melhorar suas produções.

A aplicação dessas diversas modalidades avaliativas me possibilitou verificar o que o aluno tinha aprendido até aquele momento criando uma base de decisão para aperfeiçoar subsequentemente o processo ensino-aprendizagem na busca de melhores resultados.

Ao fazer essa análise com os outros professores a respeito do andamento dessas atividades, reconhecemos que os resultados dessas aprendizagens, nos mais diferentes momentos do trabalho, estavam diretamente ligados aos procedimentos de ensino utilizados por nós, ou seja, nós colhemos o que plantamos! Isso gerava um termômetro para medir a qualidade e a consistência da nossa prática pedagógica em sala de aula. Ao avaliarmos a qualidade dos resultados da aprendizagem desde o início, durante e até o final desse processo permitiram diagnosticar e superar dificuldades, corrigir falhas e estimular os alunos a que continuem dedicando-se ao estudo. Pode ser até uma avaliação pretensiosa, mas arrisco dizer que o

aproveitamento do aluno reflete, em grande parte, a atuação didática do professor. Dessa forma, o ato de avaliar fornece informações importantes que permitiu verificar diretamente o nível de aprendizagem dos alunos e também, indiretamente, determinar a qualidade do processo de ensino e, conseqüentemente, o sucesso do trabalho docente. Nesse sentido, a avaliação teve essa função de *feedback* dos procedimentos de ensino, ou seja, forneceu dados a nós professor para repensarmos e replanejarmos nossa atuação didática.

Durante as gravações dos três curtas metragens, tivemos a oportunidade de explorar os diversos territórios educativos de nossa cidade e que muitas vezes passam despercebidos por conta de um velho conceito que diz que a aprendizagem se constrói dentro dos muros da escola. Esse extrapolar os limites físicos da sala de aula deve ser experienciado por todo professor, independentemente de sua disciplina. É importante que os alunos compreendam e vivenciem outros ambientes tão favoráveis ao aprendizado quanto a sala de aula. Esses novos ambientes trazem um frescor à aula, sem falar que amplia o olhar dos educandos a respeito de sua comunidade valorizando mais ainda seu sentimento de pertencimento a ela.

Outra questão que pude analisar com mais clareza ao final do projeto é a ajuda que a comunidade prestou à escola. Sempre que precisei recorrer a ela não encontrei nenhuma forma de rejeição, muito pelo contrário, além de ajudar ainda indicavam outras pessoas e profissionais que se disponibilizariam para tal tarefa. É bem verdade que esse diálogo Escola–Comunidade já vem sendo estabelecido desde 2010, época em que a escola se transformou em Erem (Escola de Referência em Ensino Médio). Como os alunos passavam o dia inteiro na escola, os pais frequentavam com mais assiduidade para prestigiar os trabalhos de seus filhos. Essa confiança depositada em nós era devolvida para os pais em forma de dedicação exclusiva dos professores a seus filhos. Tanto é que hoje somos a escola do Ensino Médio da Mata Norte que mais coloca estudantes nas universidades públicas.

Creio que grande parte desse sucesso esteja no alinhamento que permeia toda a práxis da escola. Daí a importância de um PPP que assegure ações que promovam mudança de pensamento, postura crítica e mais aberta no que concerne à inclusão, valorização e respeito às diferenças.

Acredito que o projeto *Vamos enCURTAr essa história?*, apesar do sucesso que foi, ainda pode ser melhorado, pois inserir ainda mais alunos nesse processo criativo é uma de minhas metas. Nota-se uma diminuição da evasão escolar, uma vez que esses alunos se sentiram mais participantes, proporcionando um ambiente mais favorável à aprendizagem. Enfim, são muito pontos positivos que o projeto trouxe para a nossa escola, e seu entorno, tanto é que ele já faz parte do calendário letivo, trazendo um novo olhar sobre o ensino de Arte.

Hoje, vejo que o maior aprendizado se deu no íntimo de cada aluno quando eles perceberam que são capazes de ir bem mais longe do que os subjugaram (faço aqui referência ao episódio de xenofobia sofrida pelos alunos no primeiro curta metragem). Existem aprendizagens que não podem ser avaliadas a curto prazo, tipo: Como mensurar o aprendizado de um aluno surdo que antes era excluído e agora se vê protagonizando um filme nas redes sociais, sendo assistido no mundo todo? Como avaliar o impacto na autoestima de uma aluna portadora de vitiligo que mesmo com vergonha de sua "doença" encarou esse desafio? Talvez eu nunca descubra essas respostas.

Como desdobramento, já está em curso uma exposição fotográfica de alunos que são sócias dos astros do cinema, valorizando ainda mais a Sétima Arte (anexo 36); o lançamento do livro com

mais de 20 contos incluindo as histórias que geraram os curtas metragens (anexo 37); a finalização do jogo para ser baixado no celular inspirado no curta Entre Dois Lados, além de uma proposta mais ousada: gravar nosso primeiro longa-metragem. Alguém duvida que eles conseguirão?

Reflexão

Não tenho a mínima dúvida de que esta experiência poderá ser facilmente reproduzida em qualquer região do país, uma vez que não requer grandes investimentos ou maquinários sofisticados para a sua realização. Hoje em dia, quase todos os alunos têm acesso a um aparelho celular com câmera. Uma pesquisa realizada pelo Portal Brasil revela que o telefone celular é o dispositivo mais utilizado para o acesso individual da internet pela maioria dos usuários, ou seja, mais de 100 milhões de brasileiros acessam a internet. Até o fim de 2017, o Brasil terá um *smartphone* por habitante, segundo outra pesquisa da Fundação Getúlio Vargas.

Para que esta prática ocorra de maneira efetiva, é necessário que ela esteja atendida com a realidade do aluno. Talvez, num primeiro momento, essa seja uma dificuldade se o professor nunca fez algo parecido. Para que eles participem efetivamente, é necessário envolvê-los desde o planejamento até a execução, assim eles se sentirão cocriadores, e não meros reprodutores de um projeto qualquer. Essa horizontalidade na hora da elaboração da prática educativa é indispensável. Outra dica valiosa é delegar tarefas segundo as habilidades dos alunos. É surpreendente a quantidade de habilidades que eles possuem e que muitas vezes não são aproveitadas corretamente por nós educadores por não darmos espaço para que eles as demonstrem. Passou o tempo em que o professor era o único detentor do saber. Projetos como esse abrem espaço para se trabalhar as inteligências múltiplas dando oportunidade para que todos possam contribuir naquilo que melhor sabem fazer. Essa didática atrai um número maior de alunos e faz com que eles se sintam úteis, acarretando uma significativa diminuição da evasão escolar e o aumento do interesse pelo assunto estudado.

Os professores que se interessarem em trabalhar com esse projeto poderão fazê-lo em qualquer área do conhecimento, pois ele se adequa muito bem a qualquer disciplina, tornando-a mais atrativa e dinâmica. A interação, a conectividade e a troca de experiências que a tecnologia permite é sem dúvida o grande atrativo desse projeto que se enquadra muito bem nos fundamentos da *Web 2.0*.